

**ESCOLA, TRABALHO E PERSPECTIVA DE FUTURO DE JOVENS
ESTUDANTES**

**ESCUELA, TRABAJO Y PERSPECTIVA DE FUTURO DE JÓVENES
ESTUDIANTES**

**SCHOOL, WORK AND FUTURE PERSPECTIVE OF YOUNG
STUDENTS**

Célia Regina VENDRAMINI¹
Luciana Pedrosa MARCASSA²
Mauro TITTON³
Soraya Franzoni CONDE⁴

RESUMO: O artigo aborda a relação dos jovens estudantes com o trabalho e suas perspectivas de futuro. Percebe-se que o trabalho é uma realidade entre os jovens pesquisados, envolvendo atividades remuneradas ou realizadas por meio de estágios, além de outras atividades sistemáticas e cotidianas, como o cuidado dos irmãos e o trabalho doméstico. O trabalho ocupa parte significativa do tempo dos estudantes fora da escola, de tal modo que este concorre fortemente com os estudos, impedindo que os jovens vivam sua condição de estudante plenamente. A submissão precoce ao trabalho e em condições cada vez mais precárias, na atual sociabilidade capitalista, compromete não apenas os projetos profissionais dos estudantes, mas, sobretudo, reforça sua condição de classe, limitando, cada vez mais, suas possibilidades de formação, criação e desenvolvimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Escola. Trabalho.

RESUMEM: *El artículo aborda la relación de los jóvenes estudiantes con el trabajo y sus perspectivas de futuro. Se percibe que el trabajo es una realidad entre los jóvenes investigados, involucrando actividades remuneradas o realizadas por medio de pasantías, además de otras actividades sistemáticas y cotidianas, como el cuidado de los hermanos y el trabajo doméstico. Fuera de la escuela, los estudiantes ocupan una parte significativa de su tiempo trabajando, así que éste compete fuertemente con los estudios, impidiendo que los jóvenes vivan su condición de estudiante plenamente. La*

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: celiavendram@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: lumarcassa@gmail.com.

³ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Professor do Departamento de Metodologia de Ensino. E-mail: maurotitton@gmail.com.

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: sorayafconde@gmail.com.

sumisión precoz al trabajo y en condiciones cada vez más precarias, en la actual sociedad capitalista, causa perjuicio no sólo a los proyectos profesionales de los estudiantes, sino, sobre todo, refuerza su condición como clase, limitando cada vez más sus posibilidades de formación, creación y desarrollo humano.

PALABRAS CLAVE: *Juventud. Escuela. Trabajo.*

ABSTRACT: *This article addresses the relationship of young students with work and your future perspectives. It is noticed that the work is a reality among young people surveyed, involving remunerated activities or carried out by internships, as well as others systematic and everyday activities such as the care of siblings and housework. The work occupies a significant portion of the student's time out of school, so that this competes strongly to the studies, preventing young people fully live their student status. The submission to work earlier and increasingly in precarious conditions, in the current capitalist sociability, compromises not only the professional projects of these students, but especially strengthens your class condition, limiting increasingly its training possibilities, creation and human development.*

KEYWORDS: *Youth. School. Work*

Introdução

Este artigo aborda a relação entre a escola, o trabalho e a perspectiva de futuro de jovens que frequentam dez escolas de educação básica situadas no território do maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis, Santa Catarina⁵. Nossas análises têm como referência 1.180 questionários aplicados aos estudantes dos últimos anos do ensino fundamental e médio, grupos focais, entrevistas, estudos sobre a temática e debates realizados sistematicamente pela equipe de pesquisa. A etapa de análise dos dados também envolveu a realização de um seminário de pesquisa para socialização e discussão dos resultados com docentes, membros de equipes pedagógicas e estudantes das escolas participantes da pesquisa.

Os dados coletados indicam que a relação dos jovens com o trabalho se destaca tanto no ensino médio como nos anos finais do ensino fundamental⁶, nos períodos noturno e diurno. De maneira geral, os estudantes pesquisados trabalham em serviços domésticos, em estágios ou com contrato de trabalho, em atividades lícitas ou ilícitas,

⁵ Este artigo faz parte de uma pesquisa maior sobre “Juventude e Escolarização” desenvolvida entre 2013 e 2016 em 10 escolas de educação básica, localizadas no entorno do maciço do Morro da Cruz (MMC), na região central de Florianópolis. A fim de preservarmos o anonimato dos participantes, as escolas foram numeradas aleatoriamente e os estudantes não serão identificados.

⁶ Esse foi o caso de três escolas, duas delas que só ofertavam o ensino fundamental e uma que sugeriu que a pesquisa englobasse também os últimos anos do Ensino Fundamental.

formais ou informais. Segundo resultado do questionário, 50,1% declaram trabalhar ou já ter trabalhado. Entretanto, nos grupos focais realizados com o tema “trabalho, escola e perspectiva de futuro”, observamos que a incidência de alunos que trabalham é maior do que a apontada nos questionários, visto que muitas atividades exercidas sistematicamente não são consideradas por eles como trabalho, como por exemplo, o cuidado dos irmãos ou sobrinhos, o cuidado da casa, os trabalhos irregulares e informais, bem como o envolvimento com o tráfico. Além disso, tanto os questionários como os grupos focais indicam que o trabalho é um dos elementos relevantes que afetam e concorrem com os estudos e levam ao abandono escolar.

A relação entre os jovens, o trabalho e a escola é algo relevante no Brasil uma vez que cerca de 9,8% (4,5 milhões) da população entre 5 e 18 anos trabalha (PNAD, 2009). Entre os ocupados, 80% frequentam a instituição escolar e a escolarização é sempre maior entre aqueles que não trabalham. Na medida em que a idade avança, há diminuição do tempo de dedicação aos estudos e aumento do tempo de trabalho até que este passa a ocupar todo o tempo da jornada diária dos jovens. Entre os que permanecem estudando, o tempo de estudos vai sendo absorvido pelo trabalho, o descanso e o lazer, comprometendo a aprendizagem, uma vez que os alunos chegam cansados à escola após tantas tarefas, fato este também corroborado pelos dados de nossa pesquisa.

A intensificação do trabalho no contexto atual reflete-se também na inserção dos jovens no mercado de trabalho e na forma assumida pela mercadoria força de trabalho juvenil, expressando como o trabalho coletivo tem se complexificado e utilizado das formas domésticas, domiciliares, legais e ilegais, rurais e urbanas para ampliar a extração da mais-valia, seja ela relativa (pela intensificação da jornada de trabalho) ou absoluta (pela ampliação da jornada de trabalho).

A relação entre a importante parcela da juventude já inserida no trabalho e o aumento do desemprego, revela-se, na aparência, como contradição em si, mas na realidade é derivada da relação entre trabalho e capital sob as relações de produção atuais que acentuam a extração da mais-valia também pela redução do custo da força de trabalho, sendo que a inserção de milhões de jovens no mercado de trabalho, em formas precarizadas, é um componente fundamental para tal.

Segundo Marx (2006), o trabalho juvenil não é algo recente, mas anterior à revolução industrial e ao capitalismo, presente nos modos de produção que se sucederam ao longo da história, passando por fases em que os ritmos e as atividades se

davam segundo a capacidade e o limite de jovens, adultos, idosos ou crianças, definidos na relação social familiar e comunitária e segundo a divisão social e sexual do trabalho. Porém, o trabalho juvenil desenvolvido com o avanço da industrialização sob o capitalismo, com jornadas exaustivas e atividades repetitivas voltadas, fundamentalmente, à produção de mais-valia, tem outra conotação. Conforme Marx (2006 e 1978), uma mesma atividade pode ser produtora de capital ou não, explorada ou não: é o contexto social da atividade desenvolvida que a determina, ou melhor, são as relações sociais de produção e o processo de trabalho implicados. Por exemplo, cantar no chuveiro tem uma conotação diferente de cantar em um bar ou restaurante de forma remunerada, entretanto, trata-se do mesmo ato isolado.

Nos casos em que o trabalho de jovens e adolescentes ocorre no âmbito familiar e doméstico ou informal, sem salário e jornada de trabalho definidas, ele é facilmente confundido com “ajuda” e pode assumir a aparência de atividade educativa. Nessas formas, é comum que não se reconheça como trabalho, por não ser diretamente produtor de capital. Entretanto, se imaginarmos que o adolescente ou o jovem desempenha uma atividade sistemática diariamente, substituindo o trabalho de um adulto, seja no comércio, nos serviços da casa ou nos cuidados de outras crianças, percebemos que a ajuda é, na verdade, trabalho.

Para Francisco de Oliveira (1988), no Brasil persistem formas peculiares e arcaicas de produção dos meios de subsistência como parte integrante do desenvolvimento moderno, onde o rebaixamento do custo da força de trabalho, que se realiza também por meio de atividades ilegais, informais, domésticas, familiares, é base para a acumulação. Essa situação é, na verdade, parte de um processo acelerado de desenvolvimento capitalista, desigual e combinado, em que o trabalho formal e legal nutre-se do informal e do ilegal. Dessa forma, crianças e adolescentes trabalhando em casa, no comércio, no sinal de trânsito ou no tráfico de drogas não são sinais de atraso e subdesenvolvimento do país ou de uma região, mas sim uma forma específica de modernização capitalista.

O crescimento da economia capitalista no Brasil combina produção com uso de tecnologia de ponta e atividades ilegais, domésticas e comércio ambulante em grandes cidades. Tanto no caso da economia doméstica familiar, quanto na venda ambulante que garante o escoamento das mercadorias produzidas, o trabalho precoce é fundamental e constante, aparentemente associado a uma relação de aprendizagem entre gerações.

A sustentação da tese do subdesenvolvimento tem como decorrência a ideologia do círculo vicioso da pobreza, alegando-se que por meio da educação, do desenvolvimento do capitalismo e do acesso ao crédito será possível superá-la. Estado e empresas privadas desenvolvem programas de educação para as crianças e jovens, no intuito de afastá-los das drogas, do crime, do trabalho precoce, sem, contudo, melhorar a condição material de vida familiar e a diminuição das desigualdades no acesso à riqueza e à cultura que garantam o processo de humanização.

Com base no exposto, considerando os dados da realidade dos jovens sujeitos da pesquisa e a concepção de trabalho que orienta nossos estudos, abordamos a relação da vida dos jovens com o trabalho e com a escola enfocando três dimensões: jovem e trabalho; trabalho e escola; trabalho e perspectiva de futuro.

Jovem e trabalho

É bastante cansativo, a vida é corrida. Eu saio às 6 horas de casa e volto às 11 horas da noite, de segunda a sexta, é bem cansativo. Às vezes você pensa em desistir de trabalhar, mas você tem que pensar lá na frente. Só que não tem como desistir de trabalhar, porque eu sei que a minha mãe não tem condições de dar o que eu quero e você vê que você trabalhando, você consegue comprar o que você quer. (Grupo focal, 3 EM noturno – Escola 9)

A grande maioria aqui é pobre, classe social baixa.... E eu não tenho dinheiro, se não trabalhar, minha mãe não vai me dar, ninguém vai me dar, então eu tenho que me sustentar e tenho que fazer as coisas por mim. Porque senão ninguém vai fazer. (Grupo focal, 1, 2 e 3 EM noturno – Escola 4)

Os jovens que frequentam as escolas do território do maciço do Morro da Cruz (MMC), em Florianópolis, vivem numa das áreas mais empobrecidas⁷ da cidade. No entorno de 21⁸ localidades ou “comunidades”, instaladas sobre morros e encostas, encontramos jovens trabalhadores-estudantes, em condições de pobreza, violência e em relação com a criminalidade e o narcotráfico, seja pelo envolvimento direto ou pela condição de sujeição vivida no seu cotidiano. Os jovens também sofrem sistematicamente a violência do Estado, em especial do aparato policial. Por outro lado,

⁷ Fazemos referência à pobreza com a clareza de que ela é expressão das desigualdades de classe e, portanto, não se constitui como um fenômeno em si que possa ser eliminado por meio de políticas públicas focais.

⁸ Dantas (2012), com base no estudo de Henning (2007), identifica 21 comunidades na área do MMC. No questionário aplicado aos estudantes, houve muitas dificuldades de conseguir precisão na informação sobre a localidade em que os jovens moram.

não contam com a presença do mesmo Estado na oferta de políticas públicas que atendam seus direitos sociais e garantam condições dignas de vida.

Além das precárias condições de moradia, saneamento e transporte público, um dos grandes problemas vividos pelas famílias que habitam o território do MMC em Florianópolis é a precariedade das situações de trabalho⁹. Grande parte das famílias vive do trabalho informal, desenvolvendo atividades irregulares relacionadas aos serviços, ao comércio, ao turismo durante o verão, à construção civil e ao trabalho doméstico. Com o fortalecimento do narcotráfico e do crime organizado, houve o crescimento de ocupação nesta atividade. Ainda que famílias inteiras de trabalhadores e trabalhadoras não estejam envolvidas com a criminalidade, seu cotidiano é constantemente atravessado pelo medo, pela incerteza e pela instabilidade, o que se manifesta por meio da violência e dos assassinatos – cometidos pelos envolvidos no tráfico e pelo aparato policial – e um sentimento de insegurança e falta de expectativa quanto ao futuro. Um adolescente da Escola 7 relata com indignação a violência policial constante:

Certa vez estava saindo de casa e a polícia passou e perguntou onde é que eu ia, eu falei que ia pra minha vó e ele “não, não vai” e me deu uma porrada (...). É uma falta de respeito muito grande com a gente! Geralmente eles estão aqui quando as crianças estão saindo da escola, estão sempre com armas, revistando traficante na frente das crianças. As crianças se acostumam a ser marcado por estar morando nesse lugar, a passar por essas situações de constrangimento. (...) A polícia é muito violenta e eu tive amigos que já apanharam bastante da polícia, de ficar roxo. E eles nem estavam envolvidos em alguma atividade ruim não. Minha vó tem um bar, aí a gente sempre fica ali conversando no bar da minha vó, aí quando os meninos vão embora eles abordam ali na rua de baixo. (Grupo focal, 7 e 8 EF matutino, Escola 7)

⁹ Enquanto para 51,4% dos estudantes da pesquisa o pai ou padrasto são assalariados, os outros 48,6% encontram-se entre os autônomos (14,6%), desempregados (3,7%), aposentados (5,7%), falecidos (0,7%) e outras situações, sendo que 23% dos estudantes não souberam dizer qual a ocupação do pai. Diferentemente da situação da mãe em que 59% são assalariadas, 16,4% são autônomas, 9,7% estão desempregadas, 7,7% são domésticas não remuneradas (chamadas “donas de casa”) entre outras situações, sendo que apenas 0,7% dos jovens não souberam indicar a ocupação da mãe, talvez porque, em sua maioria, os jovens da pesquisa vivam com a mãe. Entre as atividades desenvolvidas, 8,3% dos pais são trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio e mercados; 8% são operários e artesãos do ramo de construção, das artes mecânicas e outros ofícios que exigem qualificação, 4,3% são professores ou profissionais liberais, 3,8% são operadores de máquinas e montadores; 3,2% são policiais e bombeiros militares; 1,3% trabalham nos serviços elementares e 1% no apoio administrativo. Já as mães, 11,5% estão vinculadas ao setor de serviços, são vendedoras do comércio e mercados; 11,2% estão nos serviços elementares, 7,9% são professoras ou profissionais liberais das ciências e intelectuais; 2,3% estão no apoio administrativo; 1,4% são técnicos e profissionais de nível médio; 1,1% são diretores e gerentes. A classificação adotada seguiu modelo do IBGE para “Classificação de Ocupações”.

Observamos, por meio dos questionários, uma clara relação entre renda familiar e trabalho dos jovens. As escolas em que as famílias têm uma renda mais baixa são as que contam com maior incidência de estudantes que trabalham e também que começaram a trabalhar mais cedo. Enquanto isso, nas escolas com famílias de renda levemente superior, há menor incidência de trabalho dos estudantes, ou estes trabalham para cobrir suas próprias despesas e não da subsistência da família. De um modo geral, a renda familiar é baixa em todas as escolas: 8,8% até 1 salário mínimo; 21,8% tem renda de 1 a 2 salários mínimos; 20,3% de 2 a 4 salários mínimos. Do total dos respondentes, 24% não sabe a renda de sua família.

A incidência de trabalho dos jovens também está relacionada à baixa escolaridade dos pais. Nas escolas em geral, 19,4% dos pais e 19,8% das mães tem ensino fundamental incompleto; 4,6% dos pais e 5% das mães são analfabetos e há um número grande de jovens que não sabe ou não respondeu (21% em relação aos pais e 13,9% em relação às mães).

Enfim, a particularidade da realidade pesquisada evidencia a relação entre trabalho precoce, renda familiar baixa, trabalhos simples e precários com baixos salários e longa jornada de trabalho e baixa escolaridade dos pais¹⁰. No grupo focal realizado com estudantes da Educação de Jovens e Adultos da Escola 10, quase todos os participantes revelaram ter dois vínculos de trabalho devido aos baixos salários.

No que diz respeito ao trabalho dos jovens em particular, observamos algumas regularidades. Primeiro, o trabalho está presente entre os jovens que estudam de dia e de noite, ainda que neste último seja mais frequente. Nossa hipótese era de que os estudantes do diurno trabalhassem menos e com menor jornada de trabalho, mas encontramos jovens que estudam pela manhã e trabalham à tarde e à noite, ou nos finais de semana, geralmente em restaurantes, pizzarias, postos de combustível, redes de *fast food*, telemarketing, entre outros. Por exemplo, no grupo focal realizado no turno matutino do ensino médio da Escola 1, apenas um estudante do grupo afirma não trabalhar. Alguns trabalham como estagiários, quatro horas por dia. Com isso, concluímos que não é propriamente o turno escolar ou a procura por ele que se associa ao ingresso ou não no trabalho, mas a condição socioeconômica do jovem e de sua família. Em algumas escolas, com menor renda familiar, o trabalho está presente em

¹⁰ Observamos as interconexões entre renda familiar, salário, condições de trabalho e escolaridade. Com isso, não queremos afirmar que o aumento da escolaridade resulte em aumento da renda familiar, como tem sido propalado de forma recorrente pela ideologia da empregabilidade.

todos os turnos. Em outras escolas que contam com estudantes de renda familiar um pouco maior, o trabalho não é uma constante, especialmente entre os que estudam de dia. É o caso especialmente dos jovens que frequentam o *Ensino Médio Inovador* (EMI), os quais permanecem o dia todo na escola. Entretanto, nos grupos focais realizados nas duas escolas com EMI, os jovens revelam trabalhar nos finais de semana.

Além da presença do trabalho em todos os turnos escolares, ele também é realidade entre os estudantes dos anos finais do ensino fundamental e não apenas no ensino médio, especialmente em trabalhos não formais e domésticos. Na Escola 2, por exemplo, embora apenas 8,1% tenha indicado que trabalha, quando questionados sobre as atividades fora da escola, 19,4% relata ajudar em casa e 4,2% trabalha. Além disso, 14,8% considera que o trabalho, o cuidado dos irmãos menores e as atividades domésticas são os fatores que mais atrapalham os estudos. Também no grupo focal que realizamos com adolescentes entre 13 e 16 anos dos anos finais do ensino fundamental na mesma escola, ao perguntarmos se alguém trabalhava e o que faziam fora da escola, obtivemos respostas negativas. Todos os estudantes alegavam que só estudavam e que fora da escola escutavam música e se divertiam com os amigos. Entretanto, durante o desenvolvimento do grupo focal, percebemos que alguns estudantes haviam sido reprovados em anos anteriores e alguns já haviam ficado até dois anos sem estudar. Percebemos timidez e certo constrangimento ao tocar neste assunto. No final do grupo focal, quando pareciam estar mais à vontade e confiantes, contaram que cuidam da casa, dos irmãos e dos primos enquanto os pais trabalham, e que cuidam de crianças da vizinhança para complementar renda. Um dos participantes conta que morou dois anos em outra cidade, num bairro distante que não tinha escola e, como precisava “ajudar” a família no trabalho de casa, permaneceu os dois anos sem ir à escola e, por isso, tem uma defasagem idade-série. Também, no mesmo grupo, apareceu um caso de estudante que já trabalhou no tráfico e agora, com 14 anos, arrumou estágio pelo Programa Jovem Aprendiz, deseja estudar e fazer faculdade, e relatou que muitos colegas que permaneceram no tráfico não estão mais vivos: *É difícil, porque eles ganham em um dia o que eu ganho no estágio por mês, mas a vida do crime é dura, tem muita violência e de repente você já era.*

O que se vê é que o trabalho realizado no âmbito familiar, sem salário e jornada de trabalho definidos, é facilmente confundido com “ajuda” e muitas vezes recebe a conotação de atividade educativa. Mas, para compreender a atividade “ajuda” é necessário ir além da aparência, pois ela está conectada à totalidade das formas de

produção ou escoamento de mercadorias, sendo, portanto, parte constitutiva da produção de capital, ainda que não diretamente nestas atividades. Para exemplificar, podemos identificar a necessidade dos vendedores ilegais e informais ambulantes para garantir a circulação da gigantesca quantidade de mercadoria produzida globalmente. Ou ainda, para que o trabalho doméstico seja realizado na casa da classe burguesa ou de setores melhor remunerados da classe trabalhadora, há a(o) empregada(o) doméstica(o), que recebe apenas diárias ou um salário mínimo e necessita que seus filhos mais velhos cuidem de seu pequeno e/ou de sua casa. Por isso, a compreensão do verdadeiro caráter da “ajuda” se dá no processo de sua realização, ou seja, tal qual indica Marx (1985), nas relações sociais em que ela ocorre.

Segundo Marx (2008), desde sua origem, o modo capitalista de produção combina formas familiares e artesanais de trabalho com tecnologia sofisticada para a produção das mercadorias. Contratar trabalhadores que utilizam da força de trabalho de toda família é um negócio favorável. O baixo custo da produção e a alta lucratividade são garantidos pela exploração do trabalhador e de sua família, conforme percebemos no depoimento destes dois adolescentes da Escola 7:

(Estudante 1) Eu parei de estudar e fiquei um tempo só participando de projeto na escola pela manhã porque eu precisava de vaga para estudar de manhã e não tinha. A tarde eu tinha que cuidar de meus irmãos para minha mãe trabalhar. Eu tenho três irmãos que agora que moro aqui eles ficam na creche o dia todo. Lá não tinha creche e minha mãe trabalhava na limpeza no Cefet.

(Estudante 2) É muito difícil arrumar emprego nesta idade. Já tentei no supermercado, no banco, na padaria. Tem que ter ensino médio e mais de 16 anos. Então eu ajudo a minha mãe na lanchonete. Faço Xis Salada, Xis Tudo. Trabalho das 7 até as 11 da noite e ganho R\$ 10,00 por semana (...).(Grupo focal, 7 e 8 EF matutino, Escola 7)

Na ajuda ao trabalho doméstico, percebemos predomínio de jovens e adolescentes do sexo feminino, que são responsáveis pelo serviço doméstico junto com suas mães. Em seus depoimentos, adolescentes do mesmo grupo focal acima revelam que no final de semana, enquanto as mulheres limpam a casa, *os homens ficam deitados sem fazer nada*, evidenciando que a dupla jornada de trabalho feminina se inicia desde tenra idade.

Outra regularidade observada refere-se ao tipo de trabalho desenvolvido pelos jovens. São trabalhos simples (MARX, 2008) e rotineiros, sem exigência de qualificação. Diferente de seus pais, não costumam ser trabalhos pesados que envolvam

um grande esforço físico, mas são considerados cansativos, segundo relato dos jovens nos grupos focais. O cansaço também está associado à rotina de trabalho e estudo, aos afazeres domésticos e, em alguns casos, à maternidade precoce. Assim, dormem pouco e sentem-se constantemente esgotados. Muitos gostariam de mudar de trabalho e vêm na escolaridade esta possibilidade.

Ainda a respeito do tipo de trabalho, observamos que para os jovens o comércio de drogas vem se constituindo como um importante meio de sobrevivência e também de acesso ao consumo de mercadorias por eles desejadas. Com o desemprego, a escassez de trabalho com contrato formalizado, a diminuição do assalariamento e o conseqüente decréscimo da participação do trabalho vivo na produção de mercadorias, criam-se novas formas de trabalho ou ocupação, ou seja, há uma reinvenção do trabalho, inclusive envolvendo atividades consideradas ilícitas. Como a diminuição do trabalho vivo não é acompanhada pela redução da jornada de trabalho, os trabalhadores são levados, por questões de sobrevivência, a buscar qualquer forma de trabalho. David Harvey, em entrevista ao portal Público (2016), afirma que com o desenvolvimento de tecnologias que tornam o trabalho cada vez mais redundante, primeiro na indústria de manufatura e agora também no setor dos serviços, uma massa de população vem se tornando dispensável pois não tem mais meios de emprego e vai sobrevivendo com pequenas ocupações.

Por fim, há que assinalar o desagrado dos jovens com o tipo de trabalho que desenvolvem. Com exceção de alguns estudantes estagiários, a maioria dos que participaram da pesquisa não gostam e não veem sentido no seu trabalho. Harvey (2016), na mesma entrevista citada acima, vê tal situação com muita preocupação, visto que muitas pessoas vivem uma existência sem grande sentido no que diz respeito ao trabalho que fazem.

Com os dados obtidos e confirmados na fala dos estudantes, concluímos que a situação dos jovens estudantes das escolas do maciço do Morro da Cruz é a de trabalhador-estudante. O trabalho não é apenas a condição da sobrevivência, mas promove, segundo Foracchi (1977), a internalização dos modos de comportamento e assimilação dos valores que governam o sistema de relações do mundo adulto. É, portanto, meio de socialização e de aprendizagem das formas de ser nesta sociedade.

Trabalho e escola

Estudante 1: Se precisar trocar o estudo pelo trabalho eu troco. Porque como é que eu vou me manter? Como é que eu vou comer? Como é que eu vou me vestir?

Estudante 2: Eu queria muito ter esse luxo de viver só para os estudos, só que eu tenho outras coisas para fazer também. Lá em casa somos em três irmãos, todos trabalham e têm o seu dinheiro. (Grupo focal, 3 EM matutino, Escola 1)

A maioria dos jovens gostaria de se dedicar aos estudos, mas nem sempre pode. Como dizem acima, seria um ideal que não está ao seu alcance. Assim como seus pais (e a classe trabalhadora como um todo), os jovens já têm desde cedo uma longa jornada diária dividida entre trabalho, estudo e afazeres domésticos. Ser trabalhador-estudante, como pudemos constatar, significa acordar cedo, dormir pouco, alimentar-se mal e de forma irregular, não ter tempo livre, estar constantemente cansado, enfim, assumir responsabilidades próprias da vida adulta.

Esta situação afeta diretamente os estudos, seja pela interferência na apropriação dos conteúdos escolares ou pela permanência ou afastamento dos jovens da escola. De acordo com o resultado dos questionários aplicados, para 23,5% dos jovens, o que mais atrapalha os estudos é o trabalho. Se juntarmos com as atividades domésticas (6,4%) e o cuidado com os irmãos menores (3,3%), temos 33,8%. A Escola 10 foi aquela que apresentou maior índice neste item, provavelmente pela sua peculiaridade de atender estudantes da EJA. Para 51,2% deles, o que mais atrapalha os estudos é o trabalho que, se adicionado às atividades domésticas, totaliza 64,3%.

Na Escola 9, por exemplo, em um dos grupos focais realizados no 3º ano do ensino médio noturno, dos 16 alunos presentes, 10 trabalhavam em uma jornada de seis a dez horas por dia. Percebemos também que estes trabalhos, como citamos anteriormente, constituem-se como trabalhos simples, precários, com baixos salários e longas jornadas.

Estudante 1: Eu trabalho com importação no escritório, cuido de processos de navios. Eu sou auxiliar administrativo.

Estudante 2: Trabalho na ELETROSUL. Sou assistente administrativo e trabalho com documentação. Sou aprendiz ainda. Trabalho desde fevereiro. Trabalho 3 horas a tarde e no período da manhã eu faço 4 horas de curso.

Estudante 3: Eu sou programador, trabalho no SENAI. Eu programo cursos a distância. Trabalho 6 horas por dia, das 7:30h às 13:30h.

Estudante 4: Eu trabalho na UFSC, na portaria do restaurante universitário, 8 horas por dia.

Estudante 5: Eu trabalho em um restaurante, na lanchonete, 10 horas, das 8h até agora, até às 18:30h. Tenho 15 minutos para o café, 30

minutos para o almoço e mais 15 minutos no final do dia. Essas 10 horas inclui esses intervalos, dá 1 hora de intervalo.

Estudante 1: Eta que exploração!

Estudante 6: Eu trabalho em um restaurante, sou garçom, trabalho das 7h às 14h todos os dias.

Estudante 7: Trabalho na JVJ, das 7h às 17h em uma empreiteira, eu sou guincheiro, carregador de carga.

Estudante 8: Eu trabalho de atendente de telemarketing em um restaurante, trabalho 6 horas por dia.

Estudante 9: Trabalho de atendente em um café no shopping, trabalho 6 horas.

Estudante 10: Sou vendedor, trabalho 8 horas por dia em uma loja de material de construção.

Estudante 11: Trabalho em um salão de beleza, sou manicure, trabalho das 9h às 18h.

Pelos relatos dos jovens nos grupos focais e nas entrevistas, vemos o quanto o trabalho afeta os estudos, uma vez que todos manifestaram que há dificuldades para conciliar estudo e trabalho. Segundo eles, a maior dificuldade é encontrar tempo para estudar, pois as poucas horas que estão em casa, geralmente durante a madrugada, utilizam para descansar e recuperar as energias para o próximo dia, ou realizam os trabalhos domésticos. Relatam muito cansaço e sono e chegam na escola com dificuldades de concentrar-se e acompanhar as aulas.

Estudante 1: É complicado. Porque tu vem do trabalho já cansado, tem professores que também são meio chato. E para ficar aí aguentando eles também, é bem difícil, não tem como. Às vezes é muito difícil.

Estudante 2: (...) o ano passado eu trabalhava e fazia curso. Fazia curso da manhã, trabalhava a tarde e ia para a escola a noite. Isso é ruim, pelo menos para mim foi ruim, porque aí eu chegava cansada na escola, não tinha saco para ficar escutando aos professores. Para mim assim foi horrível. (Grupo focal, 1,2 e 3 EM noturno, Escola 4)

É evidente, pelos dados da realidade, o quanto o trabalho reduz as horas de dedicação aos estudos, ao mesmo tempo em que amplia as relações e experiências e firma a independência do jovem em relação à família. Entretanto, observamos que, em geral, as atividades laborais desenvolvidas pelos jovens de nossa pesquisa são repetitivas, desinteressantes e mecânicas, portanto, essas atividades geram experiências e aprendizagens limitadas, fragmentadas e incompletas, ainda que muitas delas se realizem dentro do Programa Jovem Aprendiz e deveriam, a priori, servir à aprendizagem profissional.

Os estudantes do ensino noturno relatam as longas jornadas de trabalho. Quando não estão no trabalho, estão na escola, ou estão dormindo, visto que trabalham de seis a

dez horas diárias, inclusive nos finais de semana, sem contar o trabalho doméstico. Com isso, tornam-se ausentes em muitos dias de aula, chegam atrasados e não têm tempo para estudar. É evidente o quanto o trabalho torna-se empecilho para os estudos.

Eu não tenho tempo mesmo. Às vezes, o horário de funcionamento do serviço vai até às 14h, das 14h às 16h tu fica fazendo o que? Às vezes eu chego em casa e tem roupa para lavar, tem alguma coisa para fazer. Aí tu nunca tem tempo, realmente, para pegar em um caderno, porque não adianta tu pegar só para folhear e deu! Se for para estudar, tu vai estudar! Tu não tem tempo de sentar em uma mesa, pegar os cadernos e os livros e dizer: Não, agora eu vou botar esse tempo aqui e vou estudar! Quando tu vê já está na hora de voltar para o trabalho, já acabou! Eu saio do serviço já venho direto para cá, então realmente não tem tempo. (Grupo focal, 3 EM noturno, Escola 9)

Outro estudante do 3º ano noturno da Escola 9, ao ser questionado sobre o que significa ser trabalhador e estudante ao mesmo tempo, responde: *É quase insuportável, tem vezes que a gente nem vem para aula. A maioria, na verdade, pode ver hoje, era para ter mais uns 7 alunos aqui, mas que faltaram hoje.*

Ainda que a realidade apontada indique um conjunto de dificuldades para os estudantes-trabalhadores, observamos que a escola também acaba sendo o espaço da alternância do trabalho. Ou seja, muitas vezes as crianças e os jovens vão à escola para descansar do trabalho e afastar-se dos afazeres domésticos. Alguns afirmam gostar de estudar porque assim não pensam nos problemas da vida e desligam-se deles enquanto estão na escola. Além disso, a escola é um importante espaço de socialização, é lugar para encontrar os amigos, para brincar, jogar, conversar, namorar, geralmente em meio a muitas disputas, controle, hierarquias e até mesmo violência. Com todas as contradições, ela ainda é um espaço em que os jovens tentam viver a condição juvenil.

Os estudantes da Escola 4 reconhecem o caráter socializador da escola dentro dos limites da socialização do capital:

É importante ir pra escola para poder conviver em sociedade, se não você pode ficar muito alienado. Você tem que manter um certo nível de convivência social. Até mesmo para saber falar com determinados tipos de pessoas que tem preconceito de quem não tem porte físico mais padrão [...]. Então tem que aprender a ter uma visão mais focada, objetiva e tem que ter a capacidade de falar, de se colocar de uma forma organizada para você se expressar. Você precisa conseguir que as pessoas entendam o que você está falando. Que as pessoas confiem em você, no seu trabalho, na sua capacidade de gerir, na sua capacidade de organizar as coisas. Se você fica fora da escola, você vai criando novas maneiras de ser que ficam fora do

padrão e as pessoas tem medo disso. Não que seja ruim, mas as pessoas se assustam com um jeito diferente. (Grupo focal, 1, 2 e 3 EM noturno, Escola 4)

Outro fator recorrente em estudos sobre a relação do jovem com a escola é o problema do abandono escolar, o qual está associado a um conjunto complexo de fatores. Podemos afirmar, conforme Marx (1973), que ele é síntese de múltiplas determinações, econômicas, sociais e culturais, objetivas e subjetivas, incluindo as questões escolares e pedagógicas. Mas não resta dúvida, pelo exposto e pelos resultados da pesquisa, que o trabalho é um elemento central e explicativo do abandono escolar. Do conjunto das escolas que aplicamos os questionários, e em todos os turnos escolares, 17,4% dos estudantes afirmam que o trabalho é responsável pelo abandono escolar e 20,7% o atribuem ao envolvimento com álcool e drogas, o que, conforme reflexão acima acerca do tráfico como trabalho, indica que a questão da sobrevivência é elemento determinante do abandono escolar, seja de forma direta ou indireta. As três escolas com maior percentual de respostas relativas ao trabalho como fator de abandono escolar foram: Escola 1, com 22,3%, Escola 5, com 22% e a Escola 10, responsável pela EJA, com 20%. É interessante ver também os dados das escolas de ensino fundamental (7º e 8º anos), como a Escola 2, em que 15,3% abandonam a escola por causa do trabalho, e a Escola 7, com 14,8%. Isto segue como uma regularidade em outras escolas.

Nos depoimentos, estão presentes ainda histórias de pessoas que abandonaram a escola pelo tráfico, como contam os alunos da Escola 7:

Coordenadora: Vocês já conheceram alguém que parou de estudar e foi para o tráfico?

Estudante 1 – Eu conheço uns 5.

Coordenadora: Conhece algum que morreu?

Estudante 1 – Conheço dois que morreram. Um deles, o padre sempre lembra dele, que é o “fulano”, que fez parte do projeto, fez parte da nossa escola, depois foi morto por rolo do tráfico. E outro foi morto porque achavam que era colega desse. O cara que tava do lado dele que matou ele, rolo de tráfico é assim. (Grupo focal, 7 e 8 EF matutino, Escola 7)

Um elemento com grande incidência nos questionários refere-se ao desânimo nos estudos (para 47,5% dos respondentes, o abandono escolar deve-se ao desânimo e desmotivação para os estudos). Observamos que o desânimo se deve a muitos fatores; entre eles, também se encontra o trabalho, particularmente a sobrecarga dos estudantes-

trabalhadores que os leva a perder o interesse e a disposição para ir à escola, como também já está evidente nos depoimentos dos jovens, alguns deles transcritos acima.

Contraditoriamente, o trabalho, ao mesmo tempo que afasta o jovem da escola, também o aproxima, pois a busca por uma boa colocação no mercado de trabalho aparece como motivação importante para a continuidade dos estudos. Porém, o que se evidencia claramente é que a inserção precoce do jovem no trabalho o afasta do estudo ainda que o motive a frequentar a escola. Ou seja, ainda que o jovem se esforce para permanecer na escola, o faz em condições precárias. Ademais, é preciso considerar outro aspecto muito importante: para muitos, frequentar a escola significa sair da condição atual em que se encontram, melhorar de vida, ter um trabalho melhor que o de seus pais. Uma estudante da Escola 4, após retomar os estudos que havia abandonado em função do trabalho, relata: *Se eu não voltar a estudar, eu vou ficar limpando banheiros sujos dos outros pro resto da vida*. Entretanto, na própria fala dos jovens se evidencia que muitas vezes este é um discurso ideológico que encoberta a falta de condições dignas de trabalho mesmo para a realização de trabalhos mais simples, associada ao aprofundamento da degradação das relações sociais no atual estágio do capitalismo.

Do conjunto dos estudantes pesquisados, 31,3% vão à escola porque desejam melhorar seu futuro e de suas famílias. Há diferentes expectativas em relação ao trabalho e ao futuro. Uns têm expectativa de cursar uma faculdade e sonham com uma profissão de maior prestígio social e economicamente mais valorizada. Outros almejam permanecer no mesmo trabalho graças à escolarização, que lhes dará maior segurança, ou no máximo, buscar um posto ou cargo acima daquele em que trabalham, mas no mesmo ramo ou área de atuação. Os dados obtidos até o momento estão de acordo com os estudos de Foracchi (1977, p. 125), ao evidenciarem que, de maneira geral, a educação não é fator de mobilidade, mas de manutenção das posições já adquiridas pela família ou pela classe social.

Ao serem questionados sobre a diferença entre os alunos que trabalham e estudam e os que só estudam, os jovens respondem:

Estudante 1: Na realidade, trabalhar e estudar ensina a dar valor ao estudo! Se antes eu tivesse esse discernimento, eu tinha aproveitado mais o meu tempo livre do que hoje, eu tinha estudado mais.

Estudante 2: Se tivessem a oportunidade que muitos têm, da oportunidade dos pais poderem ajudar e incentivarem também. Porque tem muitos alunos que os pais pagam cursinho e pagam

outras coisas. Se eu tivesse essa oportunidade, eu também daria tudo de mim, do meu esforço para ir para frente e ter um bom desempenho, mostrar aos meus pais que o dinheiro deles não está indo fora ou a dedicação deles não seria um esforço por nada, mas infelizmente eu tenho que trabalhar e estudar. Já era para eu ter acabado faz tempo, porque eu tenho 22, mas só deu para eu voltar agora, estou tentando dar o máximo de mim, mas as vezes é puxado, é difícil.

Estudante 3: O trabalho traz benefícios, pode até te suprir, mas depois tu vai ver que não valeu muito a pena, porque o estudo é uma coisa fundamental. Então, tipo o "Fulano", ele pode ficar no mesmo emprego durante anos e se formar no terceiro ano, mas ele nunca vai ter um salário mais acessível para coisas maiores, porque o trabalho dele atrapalhou muitas coisas, ele poderia ter estudado mais para o vestibular e ter sido um profissional muito mais gratificante do que ele é hoje em dia. (Grupo focal, 3 EM noturno, Escola 9)

De acordo com Foracchi (1977, p.141), o trabalho impede o jovem de ser estudante em sentido pleno. Mais do que formar o estudante, o trabalho produz alienação progressiva, vínculo e aceitação da realidade tal como ela se encontra. O trabalho produz autonomia (remuneração) e parece, assim, ser emancipador, mas na prática é vinculador/alienador. Deste modo, para a autora, o jovem torna-se agente do próprio destino, à custa da internalização do papel do adulto, pelo ingresso e aceitação da ordem existente (p. 149). O trabalho gera emancipação, porém, às custas do jovem deixar de ser estudante e tornar-se adulto, empreendedor, isto é, inserido na lógica competitiva.

A propalada mobilidade social por meio da escola já foi há muito desvelada pela própria realidade. Alguns jovens, nem todos, já percebem o quanto há de ilusão na crença de que a escola e a educação sejam as grandes panaceias sociais. Alguns estudantes, especialmente dos núcleos de Educação de Jovens e Adultos, sabem que precisam estudar mais que seus pais para alcançar a mesma condição e o mesmo tipo de trabalho. Há também o exemplo da Escola 5, em que estudantes do segundo ano do ensino médio almejam fazer o concurso da COMCAP¹¹ (a qual exige ensino médio completo), porque consideram que pagam um bom salário (em torno de um e meio salários mínimos). Portanto, a perspectiva é a conclusão do ensino médio e a aprovação no concurso.

Por fim, observamos, ao lado de muito pessimismo, uma expectativa de que a escolarização alcançada ou vislumbrada poderá alterar sua condição de vida.

¹¹ Companhia de Melhoramentos da Capital, responsável pela coleta de resíduos sólidos e pela limpeza pública de Florianópolis.

Trabalho e perspectiva de futuro

Acho que sem nível superior, a gente vai ganhar no máximo dois salários mínimos [...]. É impossível, não dá! O pessoal no mais vai conseguir fazer um curso técnico, se conseguir. Gratuito se o governo dá. É impossível para uma pessoa que não ganha bolsa na faculdade, para o pobre na universidade. Isso é um fato. (Grupo focal, 1,2 e 3 EM noturno, Escola 4)

Os dados dos questionários aplicados aos estudantes indicam o que mencionávamos acima, a expectativa de que a escola incidirá no seu futuro: 31,3% dos respondentes vão à escola porque desejam melhorar seu futuro e de sua família. Na Escola 1, o percentual é de 40,7%; na Escola 10 (EJA) é de 43,6%; na Escola 4 esse índice sobe para 47,4%. Portanto, a maior expectativa provém das escolas com jovens que trabalham e contam com menor renda familiar.

Na resposta à pergunta “você tem um projeto profissional?”, 29,9% apostam num projeto que os realize profissionalmente; 17,5% pretendem fazer um concurso público; 11,3% querem ser trabalhadores autônomos/empreendedores; para 10,2% serve qualquer projeto, dependendo das oportunidades; e 5,8% esperam ganhar muito dinheiro, não importa como. Destacam-se duas escolas, particularmente, que apresentam percentuais maiores em relação à média geral dos que não têm nenhum projeto profissional: Escola 1: 32,4% e Escola 8: 29,7%. Portanto, em torno de um terço dos jovens destas escolas não vislumbram nenhum projeto profissional. Já as Escolas 2 (40,8%) e Escola 7 (42%), o percentual é ainda mais alto devido ao fato de que estas atendem apenas ao ensino fundamental, ou seja, os estudantes são mais novos e, talvez por isso, estão mais distantes da necessidade de projeção profissional.

Sobre a continuidade dos estudos, observamos que a universidade é algo distante da realidade da maioria, até pensam em cursá-la, mas sem planos concretos de acesso, em muitos casos sem definição por área ou curso, sem expectativa de serem aprovados, especialmente em universidades públicas. Quando pensam em fazer faculdade, já preveem que será numa particular, pois não acreditam que podem ser aprovados numa pública. Também se preocupam com os gastos adicionais, para além da sobrevivência, como o transporte, a alimentação, os livros, as fotocópias.

Muitos já contam com a reprovação no terceiro ano e por isso não se programam para o ingresso na universidade. Outros acham que não têm uma base sólida de formação para concorrer ao vestibular. O caso mais dramático é o da EJA, em que os

participantes do grupo focal, ao serem questionados sobre a universidade, estranham a pergunta, pois não a tem no seu horizonte.

Em relação ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que hoje é amplamente utilizado como critério seletivo para acesso ao ensino superior, foram relatadas várias situações: alguns não conseguiram fazer a inscrição por problemas de acesso à internet, pois só tinham acesso pelo celular com internet lenta; alguns perderam o prazo; outros, em função do trabalho, não tiveram tempo de estudar; alguns relatam que faltou orientação da escola.

No caso da Escola 1, dos 11 estudantes do terceiro ano matutino que participaram do grupo focal, somente dois não fizeram o ENEM, os demais afirmaram que não fizeram uma boa prova, mas todos pretendem fazer faculdade. Em relação aos estudantes do noturno, apenas dois fizeram o ENEM, mas sem qualquer expectativa de obterem boas notas.

Observamos que as duas estudantes do terceiro ano noturno da Escola 1 que fizeram o ENEM e têm planos de cursar a universidade, têm alguma referência concreta na família para seguir os estudos: num dos casos a mãe é pedagoga e no outro caso o irmão batalhou para prosseguir os estudos, mas não conseguiu. Alguns estudantes são estimulados a continuar os estudos e têm como exemplo a seguir um professor ou um familiar. Em algumas situações, observamos a presença e o esforço gigantesco dos pais em manter seus filhos na escola, o que faz uma grande diferença.

Com relação à inserção no trabalho, encontramos distintas situações. Há os que almejam seguir estudando, como apontado acima, visando profissões mais valorizadas social e economicamente. Há os que desejam inserção imediata no trabalho com vínculo empregatício, contrato de trabalho e um melhor salário com a jornada de trabalho de 8 horas, saindo da condição de estagiários com o alcance dos 18 anos. Outros pretendem permanecer no mesmo trabalho, tendo a conclusão do ensino médio como requisito, ou alterarem o posto de trabalho, mas sem grandes mudanças qualitativas em relação à atividade que desempenham e aos salários.

Na EJA, a situação é ainda mais dramática, como já afirmado; muitos deles têm dois vínculos de trabalho, são empregados domésticos, vigilantes, trabalhadores do setor de serviços em geral, alguns são migrantes, enfim, alimentam poucas expectativas de melhorar sua condição de vida e de trabalho. De outro lado, apresentam uma visão mágica de futuro, sem elementos concretos e caminhos para o seu alcance.

Com relação às expectativas de futuro, não necessariamente vinculadas ao trabalho ou ao estudo, observamos entre alguns jovens desesperança, desânimo com a vida e o futuro, não acreditando em mudanças. Outros têm consciência de sua situação, mas não se colocam em ação para alterá-la. Beaud e Piloux (2006), ao abordarem as rebeliões urbanas e a desestruturação das classes populares na França, nos anos 2000, observam que a desesperança social, antes reservada aos mais dominados, parece ter atingido os jovens operários e os mais escolarizados, a qual se manifesta nos comportamentos de risco e no uso de drogas e álcool.

A Igreja aparece como uma opção para alguns jovens; estes participam de grupos de jovens, reuniões, celebrações e aparentam ser disciplinados e esforçados no estudo e no trabalho. Os bailes funk também apareceram como uma opção de divertimento e socialização. Alguns espaços de diversão podem estar associados ao comércio de drogas e à prostituição. Parece haver uma disputa nos morros para aliciamento dos jovens, os quais têm poucas opções de socialização, de lazer e diversão e de espaços coletivos de convivência, para além do consumo. Parecem atrair a rebeldia dos jovens que poderia ser canalizada na direção de um projeto político alternativo.

Em síntese, observamos uma relação entre baixa escolaridade dos pais, baixa renda familiar, trabalho precoce e limitada perspectiva de futuro que se mescla na ausência de qualquer projeto ou na visão mágica de futuro, ou seja, idealizam um futuro sem conexão com as condições objetivas de vida e os meios para alcançar o desejado.

Nas escolas com maior renda familiar e escolarização dos pais, assim como menor incidência de trabalho e maior dedicação aos estudos por parte dos jovens, identificamos que estes têm um projeto profissional e expectativas mais concretas em relação ao futuro.

Os projetos de futuro concorrem e acabam cedendo frente às responsabilidades que se iniciam muito cedo na vida de um grande número de jovens, seja pela maternidade precoce, pelas tarefas domésticas, pelo trabalho que se inicia cedo e impõe uma série de exigências (em termos de horário a cumprir, tarefas muitas vezes não compatíveis com a idade dos jovens, comportamentos e hábitos esperados, forma de se vestir, entre outras), pela responsabilidade financeira nas despesas com moradia, alimentação, transporte. Enfim, vemos jovens tornando-se adultos rapidamente, pela responsabilidade que lhes é exigida. Deixam de exercitar a liberdade, nos termos de Foracchi (1977), liberdade esta que advém do descomprometimento relativo do jovem com as tarefas produtivas e a possibilidade de abrirem-se aos processos de criação, de

busca e improvisação. Os jovens de nossa pesquisa, entretanto, têm limitada a sua liberdade ao se constituírem como jovens trabalhadores, pobres, pais ou mães e também estudantes.

Considerações finais

Avaliamos que muitas das questões aqui apresentadas, em relação à realidade de vida e de trabalho dos jovens, as quais afetam a escolarização, estão fora da alçada da escola, a qual não pode alterar a realidade econômica e social. Mas, se a escola e a educação não são grandes panaceias sociais, tal qual defendiam os utópicos e iluministas, não podemos desconsiderar que elas agem sobre as intencionalidades humanas e sempre se direcionam ao novo e ao futuro, podendo contribuir à crítica ou ao consenso.

Meszáros (2005) reconhece que a escolarização da classe trabalhadora é uma questão dialética, de importância destacada, pois não há nenhuma ação humana sem intervenção intelectual. Qualquer ser humano age em conformidade com uma conduta intelectual e moral.

Nessa mesma direção, Florestan Fernandes (1966) compreende que a educação, embora não dê conta de desencadear o progresso e nem de provocar mudanças no curso da história – tal como pretendiam os teóricos iluministas da Revolução Francesa – é um fator essencial para a classe trabalhadora caminhar rumo à mudança. Para o autor, qualquer que seja o grau de estabilidade social, a escola sempre está articulada aos processos de inovação. Ou ainda, dependendo do grau de instabilidade, ela pode contribuir à preservação da herança social e cultural. Assim, acredita Fernandes que a escola pode intervir positivamente no sistema, por meio de projetos capazes de contribuir para as mudanças sociais.

A boa educação, de acordo com o autor, continua sendo um privilégio tal qual era na sociedade escravocrata e senhorial. Inverter a lógica da expansão quantitativa da educação e defender uma escola pública, com objetivos, métodos, didáticas e conteúdos definidos dentro das novas tendências impostas pelos avanços científicos e tecnológicos, é algo revolucionário para a ampliação do intelecto da classe trabalhadora.

Os jovens que frequentam as escolas públicas, particularmente os que constituem o universo de nossa pesquisa – jovens estudantes e trabalhadores de um território crivado pela violência e por condições de vida e de trabalho extremamente precárias –

enfrentam duplo desafio, aquele próprio da vida juvenil deste tempo histórico e o que se refere à condição da classe trabalhadora. Isso significa que a divisão da sociedade em classes implica em particularidades para os jovens que ocupam uma posição de subalternidade, exigindo tarefas e responsabilidades relativas ao mundo adulto.

De acordo com Foracchi (1977, p. 302), a juventude é o momento decisivo de descoberta e revelação. Mas esta experiência particular ocorre num quadro socialmente estabelecido. Cada sociedade constitui o jovem à sua própria imagem. Entretanto, segundo a autora, a pressão da sociedade sobre o jovem contrapõe-se à pressão do jovem sobre a sociedade. De alguma forma, os jovens de nossa pesquisa evidenciam, não sem contradições, que a juventude é mais do que uma etapa da vida ou potencialidade rebelde, é uma forma de pronunciar-se diante do processo histórico. Ela é síntese das múltiplas determinações sociais e, por isso, expressa na sua particularidade os desafios que a totalidade das relações capitalistas imputam aos seres humanos em determinado momento de suas vidas e no interior de suas classes sociais.

REFERÊNCIAS

- BEAUD, S.; PIALOUX, M. Rebeliões urbanas e a desestruturação das classes populares (França, 2005). **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v.18, n. 1, jun. 2006.
- CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. 8.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- DANTAS, J. S. **Espaços coletivos de esperança**: a experiência política e pedagógica da Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis/SC. Tese (Doutorado em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- FERNANDES, F. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus Editora, 1966.
- FORACCHI, M.A. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1977.
- HARVEY, D. **Entrevista**. Público, Lisboa/PT, 17 de julho de 2016.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2006**. Brasília, DF: IBGE, 2006. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010 - resultados gerais da amostra**. Brasília, DF: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=420540&idtema=97&sear>>

ch=santa-catarina|florianopolis|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-migracao>. Acesso em: 05 jul. 2016.

MARX, K. Contribuição para a crítica da economia política. Lisboa, Editorial, 1973.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. 25 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, livro I, vol. 1, p. 211-231.

MARX, K. **Cap. VI Inédito de O Capital** (1 edição). São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA. 1978.

MARX, K. **Trabalho Assalariado e Capital**. 5 de abril de 1849. Obras Escolhidas em Três Tomos. Cidade: Editora Avante, 2006.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

OLIVEIRA, F. **A economia brasileira**: crítica à razão dualista. 6.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1988.

Como referenciar este artigo

VENDRAMINI, Célia Regina.; et al. Escola, trabalho e perspectiva de futuro de jovens estudantes. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 2155-2176, out./dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.8839>>. E-ISSN: 1982-5587.

Submetido em: 28/07/2016

Aceito em: 13/03/2017